

Considerações acerca do Livre Arbítrio

Confissão de Fé Batista de 1689

Introdução

Um dos assuntos que tem gerado muitas polêmicas e que tem sido motivo de discussões, confrontos e até mesmo divisões entre os cristãos, sem dúvida alguma, refere-se ao entendimento acerca do arbítrio humano. As diferentes compreensões a respeito deste tema têm traçado o alinhamento teológico de distintas correntes de pensamentos no decorrer da história da igreja.

A maioria das pessoas tende a defender abertamente o chamado livre arbítrio, sem, contudo, ter conhecimento adequado sobre esta questão. O ensino bíblico, entretanto, evidencia que a maneira como cada um de nós compreende este assunto determina a nossa teologia e cosmovisão, moldando nosso pensamento e fazendo-nos refletir sobre a autenticidade da nossa vida cristã diária.

Mas, afinal, o que é o livre arbítrio? Somos realmente livres para dirigir as nossas vidas baseados nas decisões oriundas da vontade? Qual é e de onde vem o poder que a vontade exerce em nós? Há diferenças no arbítrio antes e depois da queda? Como ficou a situação da vontade do homem após a queda? O homem natural, sem qualquer interferência, pode voltar-se para Deus?

Algumas dessas questões são facilmente respondidas, enquanto outras necessitam de um cuidado especial para evitar uma compreensão distorcida deste assunto tão importante. Veremos, neste estudo, como a Confissão de Fé Batista de 1689 trata deste tema, à luz da Palavra de Deus.

Bom estudo a todos,
Jair Kunzler.

DEFINIÇÕES

De acordo com o dicionário Michaelis, “Arbítrio” é definido como “Resolução que depende só da vontade; voluntariedade.” Já a palavra “Livre”, significa “Que tem plena liberdade de agir, conforme sua escolha”. Portanto, podemos deduzir, pela definição literal, que livre arbítrio é a plena liberdade para se tomar decisões e agir de maneira isenta de influências externas.

Nosso estudo não será focado em questões meramente filosóficas, que se originam e se mantêm na esfera de debates e discussões sobre as definições literais. Contudo, de acordo com Bernardi (2008), até mesmo os filósofos, ao afirmarem que “não há qualquer condicionamento, motivo ou causa determinante, para que algo seja realizado, na verdade, está se dizendo que Deus não faz parte ou não está interferindo no processo”. Desta forma, acabam inserindo Deus indireta ou implicitamente no conceito de livre arbítrio. Todavia, nosso estudo buscará uma orientação teológica conceitual, no sentido de dar respostas ao “aspecto da possibilidade ou não de que alguém, por si mesmo, venha a se inclinar para o bem, isto é, de que alguém possa buscar a Deus por iniciativa própria, sem uma ação do próprio Deus” (Ibidem, p.19).

Para Erasmo de Rotterdam, livre arbítrio é “o poder da vontade humana mediante o qual uma pessoa pode aplicar ou afastar-se das coisas que conduzem à eterna salvação” (Lutero, 2007).

Agostinho de Hipona definia o livre arbítrio como “a faculdade da razão e da vontade pela qual assistindo-as a graça, se escolhe o bem; deixando ela de assisti-las, escolhe-se o mal” (Bernardi, 2008). Já Orígenes, de Alexandria (185-254) resumiu o livre arbítrio à “faculdade da razão para discernir o bem ou o mal, para escolher um ou outro desses dois” (Calvino, 1985). John Owen, por consenso, o mais bem-conceituado teólogo puritano, dedicou um livro inteiro refutando o assunto como sendo: “uma descoberta do antigo ídolo Pelagiano do Livre Arbítrio, com a nova divindade, a contingência, erguendo-se ao Trono Celestial de Deus, em desonra à Sua graça, providência, e supremo domínio sobre os Filhos dos Homens.”

Na visão humanista de Erasmo de Rotterdam, era possível ao homem, voluntariamente, voltar-se para Cristo, a fim de ser salvo de seus pecados. Já para Lutero, o grande reformador, esse conceito fere no âmago a doutrina bíblica da salvação somente pela graça (Lutero, 2007), pois ele entendia que o homem nasce escravo do pecado, e como tal, não pode ser senhor da sua vontade.

A CONFISSÃO DE FÉ BATISTA DE 1869 – CAPÍTULO IX

Este capítulo da CFB de 1689 abordará a natureza da vontade do homem, e descreverá como os estados de inocência, pecado, graça e glória determinam a sua vontade.

1. Deus dotou a vontade do homem com tal liberdade natural e poder de ação em escolha, que ela não é nem forçada, nem predeterminada para o bem ou o mal por qualquer necessidade da natureza.

Mt 17:12 – “Eu, porém, vos declaro que Elias já veio, e não o reconheceram, antes fizeram com ele tudo quanto quiseram. Assim também o filho do homem há de padecer nas mãos deles”

Tg 1:14 – “Ao contrário, cada um é tentado pela sua própria cobiça, quando esta o atrai e seduz.”

Dt 30:19 – “Os céus e a terra tomo hoje por testemunhas contra ti que te propus a vida e a morte, a benção e a maldição: escolhe, pois, a vida, para que vivas, tu e a tua descendência”

Como podemos notar, “Deus” é a primeira palavra deste capítulo, e assim é por uma boa razão. Qualquer doutrina sólida sobre a vontade da humanidade deve começar com Deus. Como Deus é Soberano e o Criador da humanidade, em que outra pessoa poderia começar? Procurar entender a natureza da vontade do homem, começando com o próprio homem – como alguns o fazem – é como olhar através de um par de binóculos na maneira inversa; nossa visão de Deus acaba sendo muito pequena e, portanto, a visão a respeito do homem torna-se excessivamente grande.

A confissão explica que Deus criou a vontade do homem. Dotar significa “dar uma qualidade ou característica”. Com qual qualidade ou propriedade Deus dotou a vontade do homem? Deus dotou a vontade do homem com a liberdade natural e poder de agir na escolha. Sproul afirma: “Aqui a confissão fala da liberdade natural, uma liberdade que é parte e parcela de nossa natureza como seres humanos”. A vontade do homem também é dotada de poder natural, tendo, dessa forma, o poder natural ou a capacidade de agir na escolha; esse poder é “parte e parcela” do que significa ser um ser humano. Assim, Deus criou o homem com uma livre agência, isto é, a liberdade natural e o poder da vontade de fazer escolhas. A teologia reformada não nega a livre agência do homem; antes, a abraça completamente, em nada considerando-a como uma derrota ao decreto soberano de Deus, mas compatível com ele. Deus geralmente usa a livre agência do homem para promover seu decreto, e sem coagir a vontade do homem. Eis aí um grande mistério!

A vontade do homem, tão dotada de liberdade natural e poder para escolher, não é forçada a fazer o bem ou o mal. A vontade do homem não é “forçada” (ou, coagida) a escolher o bem ou o mal. Se a vontade fosse forçada, não seria livre e nem teria poder para agir na escolha. Adão e Eva não foram obrigados a obedecer ou desobedecer ao comando especial de Deus no Jardim do Éden. Ao invés disso, Adão e Eva escolheram livremente desobedecer. A desobediência era sua escolha, e eles escolheram com base em seu desejo: *“Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos e árvore desejável para dar entendimento, tomou-lhe do fruto e comeu e deu também ao marido, e ele comeu”* (Gen. 3:6).

Não há nenhuma sugestão no texto acima de que a vontade foi forçada; em vez disso, vemos a liberdade natural e o poder da vontade agindo livremente sobre a escolha do que desejavam. O homem escolhe o bem ou o mal de acordo com o que ele deseja. A Escritura diz: *“cada um é tentado pela sua própria cobiça, quando esta o atrai e seduz.”* (Tiago 1:14); veja também Gênesis 3:6 e Mateus 17:12. Ninguém pode dizer: “O diabo me fez fazer isso”. O diabo pode tentar, e os desejos pecaminosos podem nos superar, mas cada pessoa escolhe pecar porque é o que deseja. O homem escolhe livremente o pecado porque é o que ele quer. Assim, a humanidade é responsável por suas escolhas, sejam elas boas ou más (1 Coríntios 5:10).

Além disso, a vontade do homem não é determinada por nenhuma necessidade da natureza de fazer o bem ou o mal. Sproul afirma: *“Aqui a confissão se distanciou de toda forma de determinismo moral, que sujeitaria as escolhas humanas às forças fixas, mecânicas ou físicas, ou mesmo as influências arbitrárias do destino. Em uma palavra, a teologia reformada rejeita categoricamente o fatalismo e qualquer determinismo baseado nas forças da natureza; não somos coagidos ou forçados por causas naturais ou pelo nosso meio, seja para fazer o bem ou para fazer o mal”*. Adicionalmente, a Confissão ensina que o homem, como um agente livre, escolhe de acordo com o que a sua natureza o inclina a escolher.

Desta feita, a questão essencial paira sobre a natureza e vontade do homem. Nesta seara, a CFB ensina, à luz das Escrituras, que tanto a natureza como a vontade humana sofreram alterações desde o Éden, sendo modificadas pela redenção em Cristo nos eleitos, e nestes, serão, enfim, plenamente devotadas a Deus na glorificação, de maneira permanente.

Nesta perspectiva, A.A. Hodge afirma:

“Cristo ensinou que a ação humana é determinada pelo caráter do agente tão certamente quanto a natureza do fruto é determinada pela natureza da árvore de onde ele brota; e a única maneira de mudar o caráter da ação é mudar o caráter permanente ou a tendência moral e o hábito do coração do agente”, conforme os textos de Mt 7:16-20; 12:33-35.

Portanto, abordaremos agora os vários “estados” da humanidade que afetam sua vontade, de acordo com a CFB. Primeiramente, discorreremos sobre o “estado de inocência” do homem antes da queda.

Em seguida, descreveremos o “estado de pecado” do homem após a queda. Em terceiro lugar, explicaremos o “estado de graça” do homem após a conversão e, finalmente, o “estado de glória” do homem na ressurreição.

Para nos ajudar a entender melhor o material visto até agora, vejamos mais duas citações de Hodge à medida que nos dirigimos para os quatro tópicos restantes.

“Em todas essas propriedades, o homem é imutável, um agente livre e responsável, e em todos esses casos, escolhendo ou recusando como, em geral, ele prefere fazer. A vontade de um homem é como seus desejos são em qualquer caso. Seus desejos em qualquer caso são como eles estão determinados a ser pelos gostos, tendências e hábitos gerais ou permanentes de seu caráter. Ele é responsável por seus desejos, porque eles são determinados pela natureza e características permanentes de sua própria alma. Ele é responsável por estes, porque são as tendências e qualidades de sua própria natureza. Se estes são imorais, ele e suas ações são imorais. Se estes são santos, ele e suas ações são santas”.

Ou simplesmente colocar, como Hodge afirma algumas páginas mais tarde:

“A condição moral do coração determina o ato da vontade, mas o ato da vontade não pode mudar a condição moral do coração”, ratificando o que diziam os puritanos: “a graça não corre nas veias, a corrupção, sim.”

Com isso em mente, passamos agora a esses “estados”.

2. O homem, em seu estado de inocência, tinha a liberdade e o poder de querer e fazer aquilo que era bom e agradável a Deus. Essa, porém, era uma condição mutável, pois o homem podia decair dessa liberdade de poder.

Ec 7:29 – “Eis o que tão somente achei: que Deus fez o homem reto, mas ele se meteu em muitas astúcias.”

Gn 3:6 – *“Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento, tomou-lhe do fruto e comeu, e deu também ao marido, e ele comeu.”*

A Confissão, agora, aborda o homem, em seu estado de inocência. Este estado refere-se ao tempo antes da queda, isto é, antes do nosso primeiro pai se tornar culpado e corrupto, resultado de sua desobediência. Antes da queda, naquele estado de inocência, o homem tinha plena liberdade e poder para fazer o que era bom e agradável a Deus. Eles tinham a liberdade e a capacidade de fazer o bem e agradar a Deus. Esta era a verdadeira liberdade espiritual e o verdadeiro e genuíno poder da vontade de agir. No entanto, esse estado era mutável, podendo ser alterado. Adão e Eva foram postos, dessa maneira, *“sob a possibilidade de transgredir”*. Santo Agostinho afirmou que, *“na criação, tínhamos tanto o “posse peccare” (do latim, a capacidade de pecar) quanto o “posse non peccare” (a capacidade de não pecar)”*. Afinal, continuamos a ter a capacidade de pecar, o *posse peccare*, mas perdemos o poder ou a capacidade de não pecar, o *“posse non peccare”*. Fomos deixados, no que Agostinho chamou, de *“estado de incapacidade moral”*. Esse será o próximo estágio em que abordaremos.

Adão e Eva estavam em um estado maravilhoso, mas esse estado era um período experimental pelo qual a desobediência era possível, sob pena de morte. Como veremos no estado de glória, essa mudança não será uma possibilidade. Esse estado de glória não se baseia em nossa perfeita obediência, mas na de Cristo. Os termos da aliança da graça são incondicionais, pois Cristo é nossa garantia e, como ele comprou essa herança eterna para nós, o estado de glória será imutável. Portanto, o estado de glória é melhor do que o estado de inocência.

3. Com a queda no pecado, o homem perdeu completamente toda a sua habilidade volitiva para aquele bem espiritual que acompanha a salvação.⁴ Por isso, o homem natural é inteiramente adverso a esse bem, e está morto em pecados.⁵ Ele não é capaz de se converter por seu próprio esforço, e nem mesmo de se dispor a isso.⁶

⁴**Rm 8:7** – “Por isso o pendor da carne é inimizade contra Deus, pois não está sujeito à lei de Deus, nem mesmo pode estar.”

Rm 5:6 – “Porque Cristo, quando nós ainda éramos fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios.”

⁵**Ef 2:1,5** – “Ele voe deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados, ... e estando nós mortos em nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo – pela graça sois salvos, ...”

⁶**Tt 3:3-5** – “Pois nós também, outrora, éramos néscios, desobedientes, desgarrados, escravos de toda sorte de paixões e prazeres, vivendo em malícia e inveja, odiosos e odiando-nos uns aos outros. Quando, porém, se manifestou a benignidade de Deus, nosso Salvador, e o seu amor para com os homens, não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo sua misericórdia, ele nos salvou mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo.”

Jo 6:44 – “Ninguém pode vir a mim se o Pai que me enviou não o trouxer; e eu o ressuscitarei no último dia.”

Estes textos demonstram claramente que a questão muda de foco, ou seja, o homem após a queda entra em um estado de pecado. Essa perda do estado de inocência tornou-se uma realidade e a humanidade caiu em um estado de pecado. O “*posse non peccare*” foi perdido na escolha de comer o fruto proibido. Em seu estado de pecado, Adão e Eva tornaram-se “*totalmente contaminados em todas as faculdades e partes da alma e do corpo*”, e essa mesma corrupção foi transmitida a toda humanidade. Conseqüentemente, eles e sua posteridade perderam completamente toda habilidade da vontade para qualquer bem espiritual com vistas à salvação, ou seja, tornou-se impossível ao homem, por livre iniciativa, buscar um meio de salvar a si mesmo.

Observe bem as palavras. Eles perderam completamente a habilidade da vontade. Qual capacidade foi totalmente perdida? Foi a capacidade da vontade de fazer qualquer bem espiritual. A queda do homem mudou radicalmente o estado da humanidade, que no estado de pecado, não pode mais fazer qualquer bem espiritual. As faculdades da alma foram inteiramente corrompidas, e isso incluiu a natureza do homem e sua vontade.

A Confissão esclarecerá este bem espiritual em relação à salvação em seguida. Mas, antes de avançarmos para isso, devemos notar novamente que a Confissão não diz que a liberdade e o poder naturais da vontade de agir na escolha são totalmente perdidos no estado de pecado (livre agência); em vez disso, esta perda é relativa a capacidade de obter qualquer bem espiritual em relação à salvação.

Hodge afirma: *“Por habilidade, queremos dizer a capacidade de se opor aos desejos e afeições da alma, ou por um simples exercício da vontade de se fazer desejar e amar o que não se deseja ou ama espontaneamente”*. A habilidade que existia no estado de inocência se perdeu no estado de pecado. **Leia Romanos 7:13-20.**

Passamos agora a uma explicação sobre essa habilidade perdida de fazer o bem espiritual com vistas à salvação. A Confissão afirma: *“Por isso, o homem natural é inteiramente adverso a esse bem”*. O homem que está em um estado caído, não regenerado, é chamado na Escritura de *“homem natural”*: *“Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente”* (1 Coríntios 2:14).

De acordo com a CFB, o homem natural é totalmente avesso a esse bem. A palavra *“esse”* (antes da palavra *“bem”*) não nos remete a fazer o bem em geral, mas para o bem espiritual que acompanha ou conduz à salvação. A palavra *“adverso”* fala do antagonismo em relação ao bem espiritual que conduz à salvação. É devido a essa *“aversão”* que Jesus fala da necessidade da atração poderosa e efetiva do Pai: *“Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxer; e eu o ressuscitarei no último dia”* (João 6:44). Sem a atração do Pai, a aversão ao *“bem”* que acompanha a salvação manteria para sempre o pecador condenado, sem salvação.

E a Confissão continua: o homem natural... está morto no pecado. Aqui está a aparência dessa morte: *“Ele vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados, nos quais andastes outrora, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência; entre os quais também todos nós andamos outrora, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos, por natureza, filhos da ira, como também os demais.”* (Efésios 2: 1-3). Note que o homem natural vive, na sua própria livre agência, de acordo com as paixões de sua carne (isto é, de seus desejos pecaminosos). Esses desejos são as inclinações orientadoras da sua vontade; ele é um escravo da sua natureza pecaminosa. Assim, o homem natural (morto no pecado) não é capaz, por sua própria força, de se converter e, nem sequer, se preparar para isso.

Converter-se, na seara teológica, significa “mudar de uma natureza para outra”. Uma vez que a humanidade é completamente avessa ao bem espiritual que conduz à salvação, e como está morta no pecado, ela não pode mudar sua natureza para que deseje a salvação. A conversão é um ato sobrenatural do Espírito Santo que muda a natureza de uma pessoa, permitindo-lhe abraçar o evangelho de Cristo; sem essa graça efetiva, uma pessoa permanece “não convertida” - avessa, incapaz e não disposta a obedecer ao comando do evangelho para se arrepender e crer. Uma vez que o homem não é forçado a fazer o bem ou o mal, escolhendo livremente de acordo com sua natureza, ele é responsável perante Deus por seu ato deliberado de se recusar a obedecer ao evangelho.

Não só o homem natural é incapaz de se converter, como também a Confissão acrescenta, ele não tem poder para se dispor a isto. Em outras palavras, ele não pode se preparar para a conversão.

Samuel Waldron relata:

“O Preparacionismo é um ensinamento ou tendência que diz aos homens que devem fazer algo antes de crerem em Cristo e se arrependerem dos seus pecados. Isso parece ser a inferência natural elaborada da total incapacidade de alguns. Como os homens não podem vir a Cristo e Deus deve dar Sua graça, eles concluíram que os homens deveriam ser orientados a fazer algo primeiro. Tais pessoas costumam dizer aos homens, por exemplo, que orem por um novo coração. Não só essas conclusões são ilógicas, como distorcem o evangelho. Se os homens não podem fazer nada espiritualmente bom antes de serem salvos, qualquer coisa que fizerem para cumprir as exigências iniciais do evangelho não seria boa. A primeira coisa espiritualmente boa, que Deus jamais permite a qualquer homem fazer por si próprio, é se arrepender e crer no evangelho. Portanto, essa é a primeira coisa que deve ser dita para fazer. Dizer aos homens que façam qualquer coisa para a salvação, além disso: - “Arrependam-se e creiam no evangelho!” - não é o evangelho bíblico, mas uma falsificação”.

Mesmo que o homem ainda tenha uma livre agência como definida no tópico 1, o tópico 3 nos ensina que a queda corrompeu a natureza da humanidade, que a vontade do homem perdeu sua capacidade de agir de qualquer maneira espiritualmente boa em relação à salvação. Pode-se perguntar - com uma sensação de desespero - o que os discípulos perguntaram: “Então, quem pode ser salvo?” Mas, como Jesus disse: “O que é impossível ao homem é possível para Deus” (Lucas 18: 26-27). Este ponto prepara o palco para o próximo capítulo (da Chamada Eficaz), onde a conversão, algo que o homem natural é incapaz de fazer, Deus a faz por seu chamado efetivo, pelo poder do Espírito Santo, tornando o homem natural vivo para Deus.

Desta obra de conversão, a Escritura diz: *“Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou, e estando nós mortos em nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo, pela graça sois salvos”* (Efésios 2: 4-5). Também vemos esse ponto reforçado em Tito: *“Quando, porém, se manifestou a benignidade de Deus, nosso Salvador, e o seu amor para com todos, não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo sua misericórdia, Ele nos salvou mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo”* (Tito 3: 4-5). A graça efetiva de Deus nos converte para que possamos obedecer ao comando do evangelho, nos arrepender e crer no Filho de Deus, nosso Salvador e Senhor.

4. Quando Deus converte um pecador, e o transfere para o estado de graça, Ele o liberta da sua escravidão natural do pecado,⁷ e, somente pela graça, o habilita a livremente querer e fazer aquilo que é espiritualmente bom.⁸ Mesmo assim, por causa de certas corrupções que permanecem, o homem redimido não faz o bem perfeitamente e nem deseja somente aquilo que é bom, mas também o que é mau.⁹

⁷*Cl 1-13 – “Ele nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor, ...”*

Jo 8:36 - Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres.

⁸*Fl 2:13 – “...porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade.”*

⁹*Rm 7:15, 18, 19, 21, 23*

Vs 15 – “Porque nem mesmo compreendo o meu próprio modo de agir, pois não faço o que prefiro, e, sim o que detesto.”

Vs 18 – “Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum: pois o querer o bem está em mim, não, porém, o efetua-lo.”

Vs 19 – “Porque não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço.”

Vs 21 – “Então, ao querer fazer o bem, encontro a lei de que o mal reside em mim.”

Vs 23 - “mas vejo nos meus membros outra lei que, guerreando contra a minha mente, me faz prisioneiro da lei do pecado que está nos meus membros.”

Agora, passamos do estado de pecado ao estado de graça. A Confissão começa descrevendo: *“Quando Deus converte um pecador e o transfere para o estado de graça...”* A Escritura diz que Deus *“nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor, no qual temos a redenção, a remissão dos pecados”* (Colossenses 1:13). Esta passagem descreve o poder de conversão de Deus. Quando Deus converte, liberta o pecador da sua servidão natural sob o pecado. A frase: *“escravidão natural sob o pecado”*, refere-se ao estado de pecado

do homem natural. Vejamos algumas declarações das Escrituras sobre conversão: *“Mas graças a Deus porque, outrora, escravos do pecado, contudo, viestes a obedecer de coração à forma de doutrina a que fostes entregues; e, uma vez libertados do pecado, fostes feitos servos da justiça.”* (Romanos 6: 17-18). Pela graça efetiva de Deus, o homem natural se transforma de sua escravidão natural do pecado para um homem espiritual livre (1Coríntios 2: 14-15). Uma vez que Deus transforma o homem por Sua graça, Ele o posiciona num “estado de graça”, sendo possível apenas pela ação efetiva de Deus.

Devido à ação da graça efetiva soberana, o estado, a natureza, a inclinação e o caráter do homem são mudados, afetando drasticamente a sua vontade. Como assim? A Confissão afirma: ...somente pela graça, o habilita a livremente querer e fazer aquilo que é espiritualmente bom. Observe o contraste: no item 3, o homem *“perdeu toda a habilidade da vontade para qualquer bem espiritual que acompanha a salvação”*. Mas, no estado de graça, é habilitado para *“livremente querer e fazer o que é espiritualmente bom”*. Existe aqui uma mudança substancial da natureza, e, portanto, da vontade.

A Bíblia declara: *“Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres.”* (João 8:36), e ainda: *“Assim, pois, amados meus, como sempre obedecestes, não só na minha presença, porém, muito mais agora, na minha ausência, desenvolvi a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade”* (Fil. 2:12-13). A obra de Deus em transformar o homem natural para o estado de graça é notável e, literalmente, significa mudar de vida. Encontramos nossa alma bradando enquanto nos maravilhamos com essa transformação da escravidão para a liberdade da vontade. Nós fomos mudados para uma liberdade e poder de vontade de fazer o bem que se perdeu na queda. Todavia, a Confissão é tão realista quanto a Bíblia sobre esse estado de graça, que não nos conduz a todo caminho de volta ao estado de inocência.

Dessa forma, a Confissão acrescenta: *“Mesmo assim, por causa de certas corrupções que permanecem, o homem redimido não faz o bem perfeitamente e nem deseja somente aquilo que é bom, mas também o que é mau”*. A realidade é que a corrupção remanescente, anteriormente mencionada no capítulo 6 da Confissão (A Queda do Homem; o Pecado e Sua Punição), ainda existe em nossa natureza, e isso afeta nossos desejos e escolhas. A.A. Hodge afirma: *“E, no entanto, por causa do restante persistente do seu antigo hábito moral corrupto da alma, continua a existir um conflito de tendências, de modo que o cristão não consegue fazer o que é perfeitamente bom, mas também faz o que é mau.”*

O apóstolo Paulo, falando da corrupção remanescente em sua própria vida, afirma em Romanos 7:

“¹⁵Porque nem mesmo compreendo o meu próprio modo de agir, pois não faço o que prefiro, e sim o que detesto. ¹⁶Ora, se faço o que não quero, consinto com a lei, que é boa. ¹⁷Neste caso, quem faz isto já não sou eu, mas o pecado que habita em mim. ¹⁸Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum, pois o querer o bem está em mim; não, porém, o efetua-lo. ¹⁹Porque não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço. ²⁰Mas, se eu faço o que não quero, já não sou eu quem o faz, e sim o pecado que habita em mim. ²¹Então, ao querer fazer o bem, encontro a lei de que o mal reside em mim. ²²Porque, no tocante ao homem interior, tenho prazer na lei de Deus; ²³mas vejo, nos meus membros, outra lei que, guerreando contra a lei da minha mente, me faz prisioneiro da lei do pecado que está nos meus membros.”

Todos os crentes estão familiarizados com essa luta, mas devemos ter bom ânimo porque até mesmo o apóstolo Paulo teve que lidar com essa corrupção remanescente no seu corpo.

5. Somente no estado de glória a vontade do homem será transformada, perfeita e imutavelmente;¹⁰ e então será livre para fazer apenas o bem.

¹⁰Ef 4.13 – “... até que todos chegemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo, ...”

O que acontece com a vontade do homem no estado de glória?

A vontade do homem será perfeita e imutavelmente livre somente para o bem. Que estado maravilhoso será! A nossa vontade se tornará perfeitamente livre da corrupção, e de toda vileza. R.C. Sproul afirma: “No céu, quando estivermos em glória, seremos livres para obedecer. É o que chamamos de liberdade real, a liberdade mais maravilhosa, onde nossas escolhas serão apenas boas. Não teremos qualquer inclinação para qualquer coisa perversa ou má”. Como se isso não fosse suficientemente glorioso, além disso, nossa vontade será tornada imutável nesse estado livre de corrupção. Glória a Deus!

CONCLUSÃO

Diante do exposto pela CFB no capítulo IX, vimos que a vontade está ligada intimamente à natureza do homem, que foi criado com a liberdade total de escolha, a qual era passível de mudança. Contudo, com o advento da queda e da entrada do pecado no mundo, as faculdades do homem foram corrompidas em toda a sua extensão, impedindo-o, desta maneira, de escolher o bem (Jer. 13:23). A Bíblia refere-se a essa condição como morte espiritual, conforme vimos em Efésios 2:1-2. A redenção divina em Cristo Jesus, entretanto, altera esta realidade, mudando a nossa natureza de morte e tornando-nos novas criaturas (II Cor 5:17), livres do jugo do pecado (Gal 5:1; João 8:36).

Apesar de termos sido libertos do poder do pecado, ainda sofremos com sua presença, e esta tensão existe em todo cristão (Rom 7:18:24). Martinho Lutero representou bem essa dualidade, descrevendo que os salvos são *“simul justus et peccator”* (simultaneamente justos e pecadores). A nossa esperança, entretanto, reside numa alegria muito maior, pois no estado de glorificação, seremos impedidos de pecar, pois nessa nova condição ou natureza, poderemos fazer unicamente aquilo que é bom. Observamos, desta maneira, que o que nos aguarda, em glória, não é um retorno ao estado de inocência (original), mas a plenitude da liberdade, um estado no qual seremos livres para obedecer, em permanente e imutável condição de *“non peccare”*. Esta é a exultação do apóstolo Paulo em Efésios 4:13, onde ele afirma que *“até que todos chegemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo”*, ou seja o perfeito estado de glória.

“Porquanto a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens, educando-nos para que, renegadas a impiedade e as paixões mundanas, vivamos, no presente século, sensata, justa e piedosamente, aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus, o qual a si mesmo se deu por nós, a fim de remir-nos de toda iniquidade e purificar, para si mesmo, um povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras. Dize estas coisas; exorta e repreende também com toda a autoridade. Ninguém te despreze.” Tito 2:11-15

Henry Van Til, numa citação já vista no CTB de Cosmvisão Cristã, resume:

“O cristão percebe que não pode tornar o mundo perfeito aqui e agora. Ele não está cego pela utopia, porém busca colocar todas as coisas sujeitas ao governo de Cristo, percebendo muito bem que o reino de paz e justiça não pode ser estabelecido neste mundo de pecado. Por meio de sua cultura, o cristão não espera construir um mundo perfeito; ele não é um otimista cultural ingênuo, mas um realista que vive a antecipação do dia glorioso em que a criatura será liberta dos laços desta corrupção, quando todas as coisas serão renovadas e o tabernáculo de Deus estará com os homens. Por isso, ele permanece firme,

inabalável, sempre abundante no trabalho do Senhor, pois sabe que seu trabalho não é em vão no Senhor (1 Co 15:58). Essa fé gloriosa se baseia na confissão do senhorio de Cristo, a quem o Pai deu todo o poder nos céus e na terra”.

No penúltimo parágrafo da primeira página desse estudo foram feitas algumas indagações. Essas questões servirão para uma reflexão após a realização da leitura e meditação sobre o texto.

Soli Deo Gloria.

Fontes

A Commentary of the 1689 London Baptist Confession of Faith. Disponível em:
<https://1689commentary.org/>

BERNARDI, Newton. A Ilusão do Livre-Arbítrio. São Paulo: Abba Press Editora e Divulgadora Cultural Ltda, 2008.

LUTERO, Martinho. Nascido Escravo. São José dos Campos: Editora Fiel, 2007

OWEN, John. Contra o Arminianismo e seu Ídolo Pelagiano, o Livre Arbítrio. Disponível em:
Estandarte de Cristo

CHEUNG, Vincent. Determinismo vs. Fatalismo. Disponível em:
http://www.monergismo.com/textos/predestinacao/cheung_determinismo_fatalismo.htm

